



---

Revista científica de la Red Internacional de Ética del Discurso

www.revistaeyd.org – contacto@revistaeyd.org – Licencia: CC BY-NC-SA 4.0

---

## FUNDAMENTOS ÚLTIMOS.

### Em memória de Karl-Otto Apel – considerações pessoais e filosóficas

Letzte Gründe. Karl-Otto Apel zum Gedenken – persönliche und philosophische  
Bemerkungen \*

Ultimate reasons. In Memory of Karl-Otto Apel – personal and philosophical remarks

*Rainer Forst*

Johann Wolfgang Goethe University, Frankfurt am Main, Alemanha

forst@em.uni-frankfurt.de

*Rainer Forst* es profesor de Teoría Política y Filosofía en el Goethe Universidad de Frankfurt. Es co-director del Grupo de Excelencia 'La Formación de Ordenes Normativas' del Centro de Estudios Avanzados 'Justitia Amplificata' y Miembro de la Dirección del Instituto de Estudio en las Humanidades en Bad Homburg. Su trabajo en el área de filosofía moral y política se centra en cuestiones de razón práctica, justicia y tolerancia. Sus principales publicaciones son *Contexts of justice* (2002), *Toleration in Conflict* (2013), *Justification and Critique* (2013), *The Power of Tolerance* (junto con Wendy Brown, 2014), *Justice, Democracy and the Right to Justification* (con respuestas de críticos, 2014) and *Normativität und Macht* (2015).

---

\* Fonte original: Rainer Forst (2019). Letzte Gründe. Karl-Otto Apel zum Gedenken – persönliche und philosophische Bemerkungen. En M. Borelli, F. Caputo y R. Hesse (Comps.), Karl-Otto Apel. Vita e Pensiero /Leben und Werk (T. II) (*Topologik. Rivista Internazionale di Scienze Filosofiche, Pedagogiche e Sociali*, 24. disponible en [https://www.topologik.net/Rainer\\_Forst\\_TOPOLOGIK\\_Special\\_Issue\\_26.pdf](https://www.topologik.net/Rainer_Forst_TOPOLOGIK_Special_Issue_26.pdf).

O texto foi traduzido do alemão por Jessica Holl, mestra em Direito pela UFMG (Belo Horizonte, Brasil), doutoranda em Direito pela Goethe Universität (Frankfurt am Main, Alemanha) e pesquisadora na Faculdade de Economia, Direito e Ciências Sociais da Universität Erfurt (Erfurt, Alemanha). A revisão técnica foi feita por David F. L. Gomes, professor da Faculdade de Direito da UFMG (Belo Horizonte, Brasil).

### *Resumo*

Com Karl-Otto Apel, faleceu não apenas um dos mais importantes filósofos alemães de nosso tempo, mas também um grande professor, a quem devo muito. E um pensador que nos deixou uma tarefa que não é fácil de resolver, a saber: determinar o que “fundamentos últimos” podem significar na filosofia. Em minhas breves observações, primeiro vou rever seu trabalho, na sequência me permitirei algumas reminiscências pessoais, para então dizer algo sobre a tarefa acima mencionada, que talvez devesse ser desdramatizada.

Palabras clave: *Karl-Otto Apel; Pragmática Transcendental; Fundamentação Última.*

### *Zusammenfassung*

Mit Karl-Otto Apel ist nicht nur einer der wichtigsten deutschen Philosophen unserer Zeit verstorben, sondern auch ein großer Lehrer, dem ich viel verdanke. Und ein Denker, der uns eine nicht leicht zu lösende Aufgabe hinterlassen hat, nämlich zu bestimmen, was „letzte Gründe“ in der Philosophie sein können. In meinen kurzen Bemerkungen lasse ich zunächst sein Werk Revue passieren, erlaube mir anschließend einige persönliche Reminiszenzen, um etwas zu der erwähnten Aufgabe zu sagen, die vielleicht entdramatisiert werden sollte.

Schlüsselwörter: *Karl-Otto Apel; Transzendentalpragmatik; Letztbegründung.*

### *Abstract*

Karl-Otto Apel was one of the most influential philosophers of his time. He was also a great teacher to whom I owe a lot. And he bequeathed a philosophical task to us that we need to tackle: to determine what it means to speak of “ultimate reasons” in philosophy. In my short personal and philosophical remarks, I suggest a less dramatic way to understand this question.

Keywords: *Karl-Otto Apel; Transcendental Pragmatics; Ultimate Foundations.*

## 1. Uma vida dedicada à filosofia

Nascido em Düsseldorf em 15 de março de 1922, Apel estudou história, alemão e filosofia (com Erich Rothacker) em Bonn, onde também conheceu Jürgen Habermas, sete anos mais novo, seu companheiro filosófico mais importante, com quem compartilhou uma amizade duradoura. Em 1950, recebeu o título de doutor com uma tese sobre *Dasein und Erkennen. Eine erkenntnistheoretische Interpretation der Philosophie Martin Heideggers*, seguida, em 1961, por sua tese de habilitação em Mainz, intitulada *Die Idee der Sprache in der Tradition des Humanismus von Dante bis Vico*. Depois de ter sido professor em Kiel (1962-69) e em Saarbrücken (1969-72), Apel lecionou na Universidade Goethe, em Frankfurt am Main, de 1972 até sua aposentadoria, em 1990. Suas publicações mais importantes incluem *Transformation der Philosophie* (1973), *Diskurs und Verantwortung* (1988) e *Auseinandersetzungen* (1998).

Karl-Otto Apel tornou-se famoso com o desenvolvimento da chamada “pragmática transcendental”, que essencialmente afirma que o uso da linguagem humana está ligado a normas *incontornáveis* da razão comunicativa e do respeito mútuo. Ao fazer isso, ele retomou a ideia peirceana (ver em particular Apel, 1967) de uma comunidade de interpretação e racionalidade, em princípio ilimitada, e confrontou a filosofia hermenêutica que se seguiu a Heidegger com a crítica linguístico-analítica do sentido; sobre essa base ampla, desdobrou uma nova filosofia transcendental que via como fundada “no *a priori* da comunidade comunicativa”. Para ele, isso significava, por um lado, superar o paradigma da filosofia do sujeito que prevaleceu até o século XX, substituindo-o pelo paradigma de uma filosofia da compreensão intersubjetiva e, por outro lado, significava fornecer uma “fundamentação última” não apenas para a filosofia teórica, mas também para a filosofia prática. E sustentou a necessidade e a possibilidade dessa “fundamentação última” em suas coleções de ensaios mais recentemente publicadas, *Paradigmen der ersten Philosophie* (2011) e *Transzendente Reflexion und Geschichte* (2017). Por ser fundamentalmente moldado pela sua experiência histórica com o nacional-socialismo, Apel quis evitar qualquer forma de

relativismo, especialmente na filosofia prática. Ele insistiu em afirmar que existe algo que sempre pressupomos quando colocamos seriamente uma questão – notadamente, uma comunidade ideal de comunicação, dentro da qual o discurso científico, bem como o moral e o político, é efetuado e, se racional, *deve ser efetuado*.

A disposição de engajar-se em argumentações sérias implica sempre o reconhecimento da norma ética básica segundo a qual “em princípio, todas as reivindicações humanas de significado e verdade devem ser passíveis de um resgate por argumentos – e somente por argumentos – em uma comunidade ilimitada de comunicação” (Apel, 1988, p. 46). Somente se todos os envolvidos no discurso se esforçarem para cumprir as regras do discurso na medida do possível, ou se comprometerem a assegurar seu estabelecimento e sua realização, a prática argumentativa poderá ser mantida e utilizada para resolver conflitos. Partindo dessa norma básica, que inclui o respeito por todos os outros como “parceiros iguais”, Apel desenvolveu sua ética do discurso – em diálogo com Jürgen Habermas.

No geral, as investigações de Apel sobre a filosofia da linguagem e do reconhecimento, bem como sobre a filosofia prática, tiveram uma influência decisiva nos debates filosóficos das últimas décadas, não apenas na Alemanha. Nossa compreensão de o que a filosofia transcendental pode significar após a virada lingüístico-pragmática foi significativamente influenciada por ele.

## **2. Aprendendo Filosofia**

Ainda me lembro muito bem do primeiro momento em que conheci Karl-Otto Apel. Comecei meus estudos em Frankfurt no semestre de verão de 1985, o que foi um golpe de sorte, pois, após o retorno de Jürgen Habermas e através do trabalho conjunto dos dois, o Instituto de Filosofia na Dantestraße foi um ímã que atraiu espíritos interessantes de todo o mundo, incluindo professores convidados célebres como Charles Taylor, Richard Rorty ou John Searle. A chama do entusiasmo filosófico que Apel permitiu que brilhasse em seus eventos foi única. Ele foi capaz de desencadear uma energia de pensamento que envolveu todas as pessoas, porque a pessoa que foi sua fonte parecia

ser feita inteiramente dessa energia, e ninguém jamais esquecerá esses seminários. O escritor Andreas Maier (2018, p. 3ss.) criou um monumento literário para eles. Apel conseguiu fazer com que todos em seu seminário pensassem e vibrassem com ele. Ele tinha uma forma inimitável de envolver os presentes em seu pensamento – por exemplo, abordando-os diretamente, mas muitas vezes de tal forma que ele mesmo colocava algo em suas bocas e depois o desdobrava e o refutava. Foi um grande espetáculo do discurso.

Aprendi infinitamente nesses seminários, aprendizados esses que nunca me deixaram, e o espectro foi amplo; estendeu-se de Aristóteles a Rawls, passando por Kant e Heidegger. Raramente fomos além dos capítulos introdutórios das obras a serem discutidas, e até mesmo a primeira apresentação se arrastava por muitas semanas, pois Apel se entusiasmava após algumas frases e construía universos filosóficos inteiros enquanto nós (e mais ainda os palestrantes) nos maravilhávamos. Tive o privilégio de ser tutor estudantil dos seminários de Apel sobre Husserl durante vários semestres, algo de que gostei muito, inclusive do que acontecia em paralelo ao desenvolvimento dos seminários e onde algumas anedotas sobre Husserl podiam ser colhidas – como aquela sobre Husserl sussurrando para seu assistente Heidegger, ao sair, que tinha sido uma discussão muito boa porque um aluno havia feito uma pergunta, que Husserl aproveitou a oportunidade para responder durante o resto da aula.

Acontecimentos especiais foram os seminários conjuntos que Apel realizou com Habermas e os convidados acima mencionados, tais como Richard Bernstein. Eram celebrações de filosofia, incluindo uma dinâmica entre os três professores que era extremamente emocionante. Tratava-se de muitos problemas filosóficos básicos, mas sempre também do todo – a possibilidade de uma crítica racional das formas de vida, a fundamentação da ética e dos padrões de conhecimento. Nós, estudantes, sentíamos isso; e mesmo que a teoria crítica nem sempre estivesse explicitamente no centro, ela ainda estava presente como um pano de fundo e como um projeto vivo – também como um projeto político, como nos mostrou a então furiosa “Querela dos Historiadores”, na

qual Habermas em particular colocou o dedo em muitas feridas do *Zeitgeist* conservador.

Além do entusiasta filosófico Apel, havia também o amável, um pouco tímido e, depois de um tempo, confiante Apel, que pôde produzir aqueles momentos maravilhosos quando se viu confrontado com um mundo que exigia uma orientação pragmática, o que nem sempre lhe foi fácil. O olhar investigador que ele podia então oferecer era encantador. E assim foi a intensidade com que conduziu as conversas, mesmo quando não eram sobre filosofia. Mais tarde, quando voltei a Frankfurt e eu mesmo estava ensinando lá, ocasionalmente dirigimos juntos para Taunus porque ele morava em Niedernhausen, que não ficava longe da cidade onde eu morava. Falávamos então de todos os tipos de coisas, incluindo o futebol.

A sorte de ter professores especiais é totalmente imerecida. Karl-Otto Apel foi um professor assim, que generosamente compartilhou seus conhecimentos e alegrava-se de aprender com os outros. Minha dissertação *Kontexte der Gerechtigkeit* (1994), que escrevi sob a orientação de Jürgen Habermas e na qual Apel teve um papel ativo e me escreveu um parecer maravilhoso, sempre foi um estímulo para que ele fizesse perguntas sobre a filosofia política contemporânea (especialmente nos EUA). Apel tinha uma sensibilidade especial para os antecedentes político-históricos das constelações discursivas e sempre quis saber mais precisamente o que estava sendo pensado em outro lugar. Incluindo o meu próprio pensamento, que ele influenciou muito.

### **3. Fundamentação última**

Faz parte do destino dos grandes filósofos que seu pensamento seja reduzido a poucos teoremas ou a apenas um pensamento (como Heidegger pretendia fazer) – e que isso também seja então interpretado apenas de forma unilateral. Também acontece assim com Apel, no que ele não é totalmente inocente, devido à verve com que defendeu e exigiu a fundamentação filosófica última.

Aqui, no entanto, é necessário dar uma olhada mais de perto. Com muita frequência, a variante da fundamentação última de Apel é entendida de forma a aproximá-lo de

Descartes, Fichte ou Husserl, fazendo referência, portanto, a fundamentações metafísicas “finais” e igualmente “iniciais” que não fazem justiça ao paradigma linguístico-pragmático que Apel desenvolveu. O que significa, pois, “fundamentação última” dentro desse paradigma? Apenas uma tentativa cautelosa e muito breve de interpretação.

Parece fazer sentido para mim ver a variante apeliana da fundamentação última não como uma espécie de continuação das tentativas metafísicas de fundamentação na esteira do declínio dos primeiros e últimos fundamentos, mas, ao contrário, como uma *crítica a* tais tentativas. Para isso, devemos recordar o período formativo da teoria de Apel e os textos em que ele fala de uma “hermenêutica transcendental”, reunidos nos volumes sobre a transformação da filosofia. Na discussão com Wittgenstein em particular, Apel sustenta que a filosofia não deve adotar uma perspectiva de observador puro, mas sempre uma perspectiva de participante, de acordo com a qual não podemos nos desviar, de modo objetivante, de nossas formas de vida linguisticamente constituídas. Mas, exatamente desde essa perspectiva, algo mais se torna aparente – que os(as) participantes de jogos de linguagem e formas de vida podem relacionar-se *criticamente* com eles. Com a observância de todas as regras dentro de determinados jogos de linguagem, “deve ser possível a cada indivíduo introduzir novas regras, que eventualmente podem não ser facticamente verificáveis em uma comunidade de comunicação existente por causa do ‘paradigma’ do jogo linguístico existente (...)” (Apel, 1973, p. 348). Entretanto, como esta inovação, para não se tornar uma “linguagem privada”, deve provar-se comunicativamente, o espírito crítico depende do fato de que ele ou ela possa apelar para uma “comunidade ideal de comunicação” e para um jogo de linguagem dentro de tal comunidade. Isto é o que Apel chama de “jogo de linguagem transcendental”, o que mostra que esse conceito não quer fechar uma prática argumentativa com fundamentos “últimos”, mas, sim, quer *mantê-la aberta*, e precisamente *por princípio*. A força da noção de “fundamentado em última instância” (*letztbegründeten*) ou melhor: a comunidade ideal de comunicação que realiza a “fundamentação última” tem a tarefa de superar as fundamentações “últimas”

precipitadas que não merecem este nome e reificam sentidos, significados e padrões normativos, protegendo-os de forma conservadora da questão crítica de saber se são ou não fundamentados. Este é o ponto *anti-dogmático* da fundamentação última no sentido de Apel: não permitir qualquer fundamentação “última” que, entre os seres que podem fazer uso da razão para questionar a si mesmos, limite de forma inadmissível o horizonte de possíveis reivindicações de validade. Ela é parte de um programa de “crítica da metafísica” (Ibid.). Vistos sob essa luz, os fundamentos “últimos” são sempre os que são superiores àqueles que se provam como os “penúltimos”.

Nesse nível, situa-se também a proximidade com o caminho da ética do discurso dentro da Teoria Crítica, caminho empreendido por Jürgen Habermas, em cujo desenvolvimento teórico a ideia (facticamente nunca totalmente esgotável) contrafáctica de fundamentação racional entre iguais substitui as noções tradicionais de crítica da ideologia e de “falsa consciência” (em particular em Habermas, 1968).<sup>1</sup>

Mas como uma tal forma de pensar, que não se compromete com os padrões convencionais de estabelecimento de validade, pode aparentemente se transformar na afirmação de que ela mesma é “em última instância fundamentada”? Muitas questões que teriam de ser discutidas surgem neste momento – sobretudo quanto à diferença entre pragmática transcendental e universal –, mas eu não posso fazê-lo aqui. (Apel, 1998, cap. 4)<sup>2</sup> Neste ponto, entretanto, deve ser considerado que uma razão autocrítica não pode prescindir de alinhar sua autocrítica com padrões de fundamentação e justificação que supõe-se protegerem-na da reificação – o que significa que ela deve sempre ser projetada para transcender sua própria unilateralidade. Além disso, é importante observar o que “fundamentação última” por si só pode significar neste contexto. Não pode significar ser capaz de construir sobre um *fundamentum inconcussum*, no sentido de que este fundamento se mostraria imóvel a partir de uma perspectiva absoluta, semelhante à de Deus. Tal perspectiva não nos é dada. Ao

---

<sup>1</sup> Para recordar: “Pois é claro que a tarefa de realizar a comunidade ideal de comunicação também implica a abolição da sociedade de classes – formulada em termos da teoria da comunicação: a eliminação de todas as assimetrias, socialmente condicionadas, do diálogo interpessoal” (Apel, 1973, p. 432).

<sup>2</sup> Discuto isso em Forst, 2007, caps. 1 e 2.



contrário, essa transcendência deve ser, como diz Habermas, uma transcendência “desde de dentro” (Habermas, 1991, p. 127-156). No entanto, Apel chama isso de “transcendental”, mais precisamente “transcendental-pragmático” – o que significa que é realizada estritamente a partir da reflexão de seres racionais finitos que não podem evitar usar uma razão linguisticamente constituída para examinar suas próprias cegueira e determinações “últimas”. Dessa perspectiva finita, a autocontradição performativa apenas revela o que parece ser inevitável ou “não-contornável” para seres deste tipo. Desse ponto de vista, o argumento de Apel está situado em um nível que se assemelha ao argumento “da recursividade” de Onora O’Neill (1989, cap.1), ou seja, uma autorreflexão da razão sobre suas próprias condições de validade e significado. Para os seres finitos da razão, não há nada que possa ser mais profundo. Os fundamentos “últimos” são, portanto, precisamente aqueles que consideramos, sob rigoroso exame, indispensáveis para a racionalidade comunicativa. Somos, assim, seres falíveis, como aponta Habermas (1983, p. 107), mas essa provisão de falibilidade em si conta com princípios que podem fundamentar tais revisões.

Qual é o *status* desses princípios? Se estamos convencidos, com os melhores fundamentos possíveis, de que reconstruímos o padrão correto de uma crítica de falsas alegações de validade, este é o “Último”, no qual nossa crítica se baseia. Isso também no caso da autocrítica da razão, que se concebe como em processo de aprendizado. Não podemos evitar confiar em tais princípios – chamemos isto de necessária *autoconfiança de uma razão desconfiada*. Será que aqueles que esperam mais ou “mais último” do que isso poderiam seguir um anseio que vai além do que Apel viu como necessário? E será que aqueles que interpretam Apel como querendo esse “mais” poderiam estar errados? Ou será que ele realmente queria mais? Essas dúvidas tornam-se difíceis de resolver, e não posso ir mais longe na hermenêutica dos textos de Apel para respondê-las<sup>3</sup>. Tudo o que eu podia fazer aqui era apontar a possibilidade dessa fundamentação mais fraca,

---

<sup>3</sup> Eu mesmo a interpretei mais na direção da interpretação mais forte como uma alternativa a uma abordagem recursiva, em Forst, 2007, p. 106. Aqui considero uma interpretação mais fraca, autorreflexiva, que se aproxima da posição que defendo contra posições críticas da razão, tais como as de Amy Allen. Veja minha resposta a Allen em Forst, 2019, p. 181-185.

tanto quanto de uma interpretação mais forte do que seja uma fundamentação última. De acordo com ela, quem quer *fundamentalmente* abrir fundamentações para um progresso sem fim deve, neste sentido, ser capaz de apoiar-se em algo que transcenda o que está dado. Pode-se designar isso como algo “Último”, mas também como algo essencial para a modéstia da razão, que sabe que seus fundamentos “últimos” podem ainda não estar esgotados. Talvez Karl-Otto Apel tenha tentado nos ensinar os lados mais imodestos dessa modéstia, mas também a modéstia mesma.

O trabalho deste pensador, que morreu em 15 de maio de 2017, não só nos impõe a tarefa de compreendê-lo melhor e continuar a aprender com ele. Também nos deixa o legado de perguntar sempre o que fazemos quando usamos a razão de forma crítica. Karl-Otto Apel acreditava inabalavelmente nesta força da razão, tão frágil como ela muitas vezes também é. Esta era, para ele, a base definitiva sobre a qual a filosofia poderia sustentar-se.

## Referencias

- Apel, K.-O. (1967). *Der Denkweg des Charles S. Peirce*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Apel, K.-O. (1973). *Transformation der Philosophie* (T. 2). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Apel, K.-O. (1988). *Diskurs und Verantwortung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Apel, K.-O. (1998). *Auseinandersetzungen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Forst, R. (2007). *Das Recht auf Rechtfertigung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Forst, R. (2019). Navigating a World of Conflict and Power: Reply to Critics. En A. Allen y E. Mendieta (Eds.), *Justification and Emancipation* (pp. 181-185). University Park, PA: Pennsylvania State University Press.
- Habermas, J. (1968). *Erkenntnis und Interesse*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Habermas, J. (1983). *Moralbewußtsein und kommunikatives Handeln*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Habermas, J. (1991). *Texte und Kontexte*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Maier, A. (2018). *Die Universität*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- O'Neill, O. (1989). *Constructions of Reason*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.